

## Editorial: Sempre foi assim

O jogo de palavras sempre praticado no Brasil tem produzido situações de verdadeiro descalabro

por [Armando Ferrentini\\*](#)

prop  
mark

1. O pouco saudoso deputado Francelino Pereira, nos anos 70/80, gostava de se perguntar, quando indignado com o Brasil, “que país seria este”.

Na época, a pergunta se espalhou de norte a sul, de leste a oeste, sem que alguém se atrevesse a uma resposta, sinal de que a questão atormentava os brasileiros de forma incontornável.

Hoje, tomando conhecimento de todos os escândalos que enrubescem as “tenebrosas transações” da canção de Chico Buarque, o povo resignado constata que as instituições involuíram, transformando-nos em meros espectadores de uma ópera-bufa que a cada dia mais surpreende.

Quando advogados de renome, com extensa folha corrida prestada aos interesses da Justiça, no trabalho de defender clientes enroscados nos escândalos, espalham e repetem aos quatro ventos que sempre foi assim no Brasil, é hora de repensarmos se até mesmo a lógica brasileira não necessita ser revista desde os seus enunciados mais simples.

Quer dizer então que quando Caim matou Abel, propiciando o primeiro homicídio de que tem notícia a civilização e como de lá para cá esse tipo de crime prossegue ocorrendo diariamente, isso pode levar à conclusão de que sempre foi assim e por consequência não deve haver punição para quem pratica.

É isso mesmo? É claro que não. Como disse uma jovem brasileira administradora recentemente na televisão, e que inclusive foi reproduzida neste espaço, o certo é o certo, mesmo que ninguém o pratique, e o errado é o errado, mesmo que todos o pratiquem.

Alguma dúvida nessa lógica incontroversa?

O jogo de palavras sempre praticado no Brasil tem produzido situações de verdadeiro descalabro, contaminando as instituições e provocando um indesejado tudo é permitido, que tende a instigar cada habitante deste país a práticas contrárias à ética, à moral e aos bons costumes, pondo em risco o próprio enunciado de leis que regem o país.

Não é assim que se vive em sociedade, não pode ser assim a construção de uma nação forte, invejada lá fora e criadora de modelos em seus diversos segmentos que servem de exemplo para o mundo.

Ao contrário, quando o erro grave encontra vias de escape por meio de mentes brilhantes alugadas por dinheiro, o que se vê é Francelino Pereira repetindo de onde se encontra o seu refrão que a população atônita engoliu, vestindo uma carapuça que nem sempre criou, mas que a perversidade da repetição a faz aceitar resignada.

Que país é este é consequência direta do que povo é este? Se é assim que desejamos, não há o que discutir. Só nos resta voltar ao ponto de partida, que propicia às mentes brilhantes dos defensores de autores de crimes contra a pátria, utilizar o sempre foi assim que tudo pode justificar.

Quem sabe não resida aí o mistério da vida, permitindo que cada um faça o que bem entenda, porque, para o bem ou para o mal, sempre foi assim.

2. Há um debate oficioso em rodas publicitárias sobre a licitude (ou não) de campanhas com storytelling exagerarem nos enredos, misturando ficção com realidade e, pior, apresentando como realidade simples ficções.

É o caso de empresas que aprovam anúncios falando das famílias dos seus proprietários e inventando nessa narrativa.

A prática tem chegado a tal extremo, que o Conar passou a receber reclamações de concorrentes, e mesmo de consumidores, desconfiados de que estavam diante de informações falsas dadas como verdadeiras, pelo abuso do recurso do storytelling.

O que o leitor tem a dizer a respeito?

Em um mundo de comunicações cruzadas e cada vez mais complicadas, foge um pouco do cidadão comum a importância da verdade nos fatos que ajudam a venda de um produto ou serviço.

Mas, não deveria ser assim.

A criatividade sempre deve ser perseguida, mas sem riscos à verdade dos fatos, quando estes dizem respeito à qualidade do que é anunciado.

Caso contrário, corremos logo ali adiante o risco de comprarmos vinhos de São Roque “produzidos” por uvas francesas, ou massas de receitas italianas feitas na própria península.

O mundo em que vivemos aumentou de forma incalculável o alcance da verdade, o que é bom, mas fez também com que ela seja oferecida de forma muito mais abrangente do que realmente é.

Parecer não é ser, fantasiar não é ser fiel aos fatos, embora a tentação seja grande. Um show de Paul McCartney, que andou por aqui nas últimas semanas, não pode ser substituído por um sócia ou irmão do ex-beatle.

A contrafação é inclusive crime.

3. Em recente reunião do Conselho Deliberativo da ESPM, José Francisco Queiroz, vice-presidente de Marketing da escola, trouxe aos presentes o original de um discurso proferido por Roberto Duailibi na entidade, abordando a importância do mídia.

Queiroz lembrou então como se grafava o vocábulo: media, do original inglês, com leitura de mídia.

Hoje no Brasil escreve-se como se lê, mas alguém deu o pontapé inicial nessa história. Foi Fernando Reis, em texto nos Cadernos de Marketing do Diário Popular (embriões do propmark), onde afirmava estar mais do que na hora de pelo menos nesse vocábulo o mercado pronunciar e escrever da mesma

forma.

Pegou.

4. A presente edição do propmark traz uma retrospectiva deste 2014 que muitos torcem para terminar bem depressa, outros para demorar mais um pouco, levando em conta a ligeira melhora do mercado desde outubro e as previsões catastróficas de alguns experts sobre 2015.

De qualquer forma, a retrospectiva vai lembrar a muita gente que o bom e o ruim são faces da mesma moeda.

5. Alguns governadores eleitos em outubro estão pleiteando a volta da famigerada CPMF, cujo inventor (Dr. Adib Jatene) morreu (recentemente) lamentando o desvirtuando das finalidades do então imposto do cheque.

Alguém duvida que o desvio não se repetirá?

6. O almoço de fim de ano do Cenp contou com expressivo número de lideranças no Figueira Rubaiyat, mostrando implícito apoio às atividades da entidade presidida por Caio Barsotti.

O Cenp, que teve em Petrônio Corrêa seu grande idealizador e defensor, veio para ficar, em um país onde as normas reguladoras correm sempre o risco de evaporar, caso não haja entidades em permanente prontidão.

*\*Este editorial foi publicado na edição impressa do propmark de 08 de dezembro de 2014.*

---

Tags: [propmark](#), [editorial](#)

---